##### 

### **O Tambor de Crioula como Ferramenta de Resistência e Organização Social no Quilombo Oiteiro dos Nogueiras: Cultura, Identidade e Luta por Direitos**

### **RESUMO**

Este artigo analisa o Tambor de Crioula como prática educativa, cultural e política no Quilombo Oiteiro dos Nogueiras, em Itapecuru Mirim, Maranhão. A pesquisa, de abordagem qualitativa e caráter de estudo de caso, baseia-se em entrevistas com mestres, coreiras e lideranças comunitárias envolvidas na preservação dessa tradição. Os resultados apontam que o tambor exerce papel fundamental na transmissão intergeracional de saberes, no fortalecimento da identidade quilombola e na mobilização social. Mais do que expressão artística, é uma pedagogia ancestral e um instrumento de resistência diante do apagamento cultural. O estudo também destaca a importância de políticas públicas que reconheçam e apoiem práticas culturais tradicionais como parte da educação quilombola e da luta por direitos. O tambor é apresentado como expressão viva de resistência, organização comunitária e valorização da cultura negra em territórios rurais.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Tambor de Crioula. Educação Quilombola. Cultura Afro-brasileira. Resistência Cultural. Quilombo Oiteiro dos Nogueiras.

**ABSTRACT**

This article analyzes the Tambor de Crioula as an educational, cultural, and political practice in Quilombo Oiteiro dos Nogueiras, located in Itapecuru Mirim, Maranhão, Brazil. Based on a qualitative case study, the research includes interviews with masters, coreiras (female dancers), and community leaders involved in preserving this tradition. The findings reveal that the tambor plays a key role in the intergenerational transmission of knowledge, the strengthening of quilombola identity, and community mobilization. More than an artistic expression, it is an ancestral pedagogy and a tool of resistance against cultural erasure. The study also highlights the relevance of public policies that recognize and support traditional practices as part of quilombola education and rights advocacy. It contributes to recognizing the tambor as a powerful expression of cultural survival and social organization in Black rural communities.

1. **INTRODUÇÃO**

Muito além de dança, religião ou expressão folclórica, o Tambor de Crioula é, nas comunidades quilombolas maranhenses, uma prática viva que expressa saberes ancestrais, espiritualidade, organização comunitária e resistência política. Essa manifestação, tombada como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro em 2007, carrega em seus toques, danças e cantorias os ecos das lutas históricas do povo negro, sobretudo das mulheres e homens que fizeram dos quilombos espaços de refúgio e de reinvenção de mundos.

No Quilombo Oiteiro dos Nogueiras, situado em Itapecuru-Mirim/MA, o Tambor de Crioula ocupa papel central na vida comunitária. Ele se revela não só como elemento cultural, mas como prática educativa, política e espiritual que atravessa o cotidiano da comunidade. Nos preparativos dos festejos, nos mutirões para montagem do andor, nas rezas e ladainhas, nas noites de tambor no terreiro da associação, é possível observar a força dessa manifestação como dispositivo de mobilização e fortalecimento de laços entre famílias, gerações e lideranças locais.

Como destaca Ferreira (2021, p. 87), “o Tambor de Crioula nos quilombos é um lugar de sociabilidade, de diálogo com o sagrado, e de mobilização social diante das violências e desigualdades que ainda marcam a vida do povo negro no Maranhão”. É no batucar dos tambores, nas rodas de dança e nas cantorias carregadas de ancestralidade que se constroem sentidos coletivos, estratégias de solidariedade e afirmação identitária. Nesse contexto, o Tambor de Crioula ultrapassa a esfera do simbólico e se inscreve como prática de resistência cotidiana.

Muito além de dança, religião ou cultura negra, o Tambor de Crioula genuinamente maranhense é feito nos quilombos como uma forma de afirmação da ancestralidade, da resistência e, sobretudo, dos valores e anseios da comunidade. É onde os quilombolas expressam seus sentimentos, constroem e reconstroem seus vínculos familiares e comunitários em defesa de direitos e do fortalecimento de suas potencialidades (Ferreira, 2021).

Ao analisar o Tambor de Crioula como ferramenta pedagógica e política, é possível dialogar com autores que compreendem a educação quilombola para além da escola, valorizando os processos formativos que ocorrem nos terreiros, nas festas e nos rituais da comunidade. Como afirma Silva (2015, p. 42), “o tambor é, antes de tudo, um espaço de reconstrução de laços comunitários e de fortalecimento das identidades coletivas nos territórios negros.

Essa dimensão educativa e formativa do Tambor de Crioula se entrelaça ao processo histórico de resistência das comunidades quilombolas frente às políticas de apagamento cultural e negação de direitos. No contexto atual de desmontes das políticas públicas voltadas à educação quilombola e às ações afirmativas, reconhecer e valorizar os saberes oriundos das práticas culturais tradicionais constitui um ato político e epistêmico.

O artigo propõe uma análise do Tambor de Crioula como instrumento de organização comunitária e luta por direitos, a partir da valorização dos saberes quilombolas no contexto das políticas educacionais. A manifestação analisada também está diretamente articulada com os processos de fortalecimento da educação quilombola e da memória coletiva dos povos negros rurais.

Neste artigo, propõe-se uma análise do Tambor de Crioula enquanto expressão de resistência, identidade cultural e organização social no Quilombo Oiteiro dos Nogueiras. A discussão parte da escuta dos significados atribuídos à manifestação pelos moradores, busca compreender como os saberes são transmitidos entre as gerações e examina as relações entre o Tambor de Crioula, a organização comunitária e as lutas por direitos no contexto da educação quilombola.

Após esta introdução, o texto segue com uma discussão teórica sobre o Tambor de Crioula e sua relação com a cultura, a educação e a identidade quilombola. Em seguida, apresenta-se a metodologia adotada na pesquisa, com foco nos procedimentos de campo e na escuta das vozes da comunidade. A quarta parte traz a análise dos dados, organizada em eixos temáticos construídos a partir das entrevistas. Por fim, nas considerações finais, retomam-se os principais pontos discutidos e os caminhos apontados pela pesquisa.

### **REFERENCIAL TEÓRICO**

O Tambor de Crioula, assim como outras expressões culturais afro-brasileiras, deve ser compreendido como uma prática social carregada de historicidade, espiritualidade e resistência. Trata-se de uma manifestação que articula dimensões estéticas, políticas e pedagógicas da cultura negra, em diálogo permanente com os processos de luta por direitos e afirmação identitária das populações quilombolas. Em muitos contextos, essa manifestação tem sido vista de forma folclorizada ou reduzida a uma expressão artística desprovida de crítica social. No entanto, como aponta Silva (2021), ao analisar o território quilombola de Santa Rosa dos Pretos, o tambor é uma herança dos pretos, um instrumento de enraizamento cultural e de mobilização coletiva. A presença do tambor no cotidiano das comunidades negras reafirma não apenas uma cosmologia ancestral, mas também uma pedagogia de resistência contra os mecanismos de apagamento e silenciamento que marcam a história da população negra no Brasil. Nessa direção, Gonzaga e Gonçalves (2022) destacam que, apesar das legislações como a Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira, ainda há um predomínio de abordagens superficiais e focadas nas mazelas históricas da população negra, o que reforça a importância de práticas culturais que rompam com essas narrativas estigmatizadas e promovam a valorização das contribuições civilizatórias da negritude.

A Educação Quilombola está intrinsicamente ligada às práticas culturais das comunidades, ultrapassando o simples ensino formal e incorporando saberes tradicionais, festas e manifestações culturais em seu processo pedagógico. Moura (2007) destaca que nas comunidades quilombolas "o processo educativo, fruto da socialização, desenvolve-se de forma natural e não formal", ressaltando que essa educação está fortemente vinculada à experiência do aluno, em contraste com o modelo escolar convencional. Nesse contexto, Oliveira (2017) enfatiza a importância das práticas curriculares que respeitem as especificidades e identidades quilombolas, promovendo diálogos interculturais significativos no cotidiano escolar. Verifica-se, portanto, que as práticas culturais e educativas, tais como o Tambor de Crioula e outras manifestações populares, funcionam como importantes ferramentas de resistência e afirmação identitária nas comunidades quilombolas, ao mesmo tempo em que atuam como elementos educacionais fundamentais no processo de valorização da história afro-brasileira (Moura, 2007; Oliveira, 2017).

Nessa perspectiva, o Tambor de Crioula se insere como prática viva e curricular que escapa às estruturas normativas da escola tradicional, reafirmando, nos corpos e ritmos, um saber ancestral que disputa sentidos, memórias e territórios. O Tambor de Crioula, como expressão cultural afro-brasileira, ultrapassa o campo simbólico da dança e da festividade para se consolidar como prática política, pedagógica e territorial de afirmação identitária. A experiência vivida nos quilombos maranhenses revela que essa manifestação é um campo de disputas e memórias, onde o corpo, o ritmo e o canto constroem narrativas de resistência. Conforme aponta Ferretti (2014), o tambor é uma forma de comunicação coletiva que expressa valores ancestrais, saberes e experiências sociais silenciadas pela colonialidade. Nesse sentido, no Quilombo Oiteiro dos Nogueiras, essa prática tem papel central na construção de pertencimentos, reunindo gerações em torno da oralidade, da religiosidade e da luta por direitos territoriais e culturais. O toque dos tambores, os passos das coreiras e os versos entoados publicizam um projeto de mundo que contrapõe a lógica hegemônica ocidental, operando como linguagem política nos embates por visibilidade e autonomia. Como observa Munanga (2005), a cultura negra é, historicamente, um espaço de reexistência frente às estratégias de apagamento promovidas pelo Estado-nação. Ao ecoar nas comunidades quilombolas, o tambor também tensiona políticas públicas, pois exige que o Estado reconheça outras formas de educar, conviver e organizar a vida social. Trata-se, como lembra Kilomba (2019), de um movimento de “re-escrita” da história por corpos que foram historicamente excluídos da narrativa oficial. Assim, a prática do Tambor de Crioula no Oiteiro não pode ser compreendida de forma despolitizada ou folclorizada, pois ela materializa um projeto pedagógico ancestral que articula espiritualidade, território e saberes coletivos em um gesto contínuo de resistência.

No contexto quilombola, a transmissão do saber tradicional do Tambor de Crioula se dá por meio de processos educativos informais, característicos de uma pedagogia comunitária baseada nas experiências vividas e compartilhadas entre as gerações. No Quilombo Oiteiro dos Nogueiras, assim como em outros territórios tradicionais, o tambor é aprendido nas rodas, nas festas, nas oficinas feitas nas portas das casas, nos mutirões culturais, onde mestres e mestras ensinam pelo exemplo e pela convivência. Essa pedagogia do pertencimento reforça vínculos familiares, comunitários e identitários. A tradição é mantida no gesto repetido do avô, do pai, da mãe ou do tio, que ensina não só a tocar ou dançar, mas a compreender o valor simbólico e político daquela manifestação. Joércio Pires da Silva (2019) descreve como, em Santa Rosa dos Pretos, as crianças aprendem a esquentar os tambores, ouvir os toques e internalizar os ritmos, numa prática cotidiana de ensino e aprendizagem ancestral. Como afirma o autor, "lá estava eu junto daquelas crianças, quase aprendi a tocar, não foi possível, não sei o motivo, mas, por outro lado, aprendi a cantar que não é fácil também, mas só de estar ali, no meio da roda, já me sentia comtemplado e feliz" (Silva, 2019, p. 24). Esse processo educativo, que ocorre fora dos espaços escolares, é um componente essencial da **educação quilombola**, pois valoriza os saberes locais, legitima as memórias dos anciões e fortalece os laços de resistência frente às negações históricas sofridas por esses povos.

### **METODOLOGIA**

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, com características de estudo de caso, buscando compreender os sentidos atribuídos ao Tambor de Crioula no Quilombo Oiteiro dos Nogueiras a partir da vivência de seus protagonistas. A abordagem qualitativa foi adotada devido à complexidade do objeto investigado, que envolve práticas culturais, identidades coletivas e processos históricos de resistência que não podem ser traduzidos por meio de dados estatísticos, mas exigem uma escuta sensível e contextualizada (Minayo, 2001). A pesquisa teve caráter etnográfico, refletido na imersão do pesquisador nos processos comunitários que envolvem a manifestação cultural analisada.

O instrumento de coleta de dados foi o questionário semiestruturado, aplicado por meio de entrevistas gravadas em áudio. As entrevistas foram realizadas com sete pessoas da comunidade, entre mestres e mestras do Tambor de Crioula, coreiras, o presidente e vice-presidente do grupo, além de lideranças da comunidade, como o presidente da Associação Cultural e a secretária da Associação Quilombola. Foram entrevistadas pessoas com trajetórias de engajamento direto com a manifestação cultural, sendo todos reconhecidos como detentores de saberes tradicionais. Muitos deles são filhos ou netos de antigos mestres e mestras da cultura do tambor, o que reforça a legitimidade de suas vozes no processo investigativo.

As entrevistas foram realizadas no próprio Quilombo Oiteiro dos Nogueiras, município de Itapecuru-Mirim (MA), campo empírico da pesquisa. O grupo de Tambor de Crioula da comunidade é referência regional pela continuidade da tradição, passando por diferentes gerações. O trabalho de campo ocorreu ao longo de cinco dias, com agendamento prévio de cada entrevista conforme a disponibilidade dos participantes. As entrevistas tiveram duração média entre 50 minutos e uma hora e meia.

O processo de coleta de dados foi conduzido com atenção aos princípios éticos da pesquisa com seres humanos. Embora não tenha sido formalizado por um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, todas as pessoas entrevistadas foram informadas sobre os objetivos da pesquisa e autorizaram a gravação e o uso de suas falas para fins acadêmicos, consentindo oralmente no início da entrevista. A relação de confiança e o vínculo comunitário entre o pesquisador e os entrevistados fortaleceram esse processo, uma vez que o próprio pesquisador é integrante e presidente da Associação Cultural e Educacional do Tambor de Crioula São Benedito do Quilombo Oiteiro dos Nogueiras.

Além das entrevistas, a pesquisa também se apoia em elementos da pesquisa participante, uma vez que o pesquisador atua diretamente na organização e manutenção do grupo cultural. Essa posição contribuiu para uma escuta sensível e situada, favorecendo a interpretação das falas com base na vivência cotidiana junto à comunidade.

As entrevistas foram integralmente transcritas e organizadas por eixos temáticos, conforme as categorias previstas no roteiro: memória e aprendizado, cultura e identidade, organização comunitária e lutas por direitos, educação e transmissão de saberes, desafios e futuro. Para a análise dos dados, utilizou-se a técnica da análise de conteúdo (BARDIN, 2011), com foco na identificação de sentidos, recorrências, contradições e singularidades presentes nos relatos.

### **ANÁLISE DOS DADOS**

**4.1 MEMÓRIA E APRENDIZADO**

Os resultados apotam que a prática do Tambor de Crioula no Quilombo Oiteiro dos Nogueiras se sustenta, em grande parte, na oralidade e na vivência cotidiana. Os saberes são transmitidos por meio da convivência intergeracional, num processo que ocorre fora dos espaços formais de ensino, revelando uma pedagogia própria da comunidade. A coreira Maria José dos Santos relata que aprendeu a dançar observando: “Ninguém me ensinou diretamente. Eu via as pessoas mais velhas da comunidade dançando o tambor [...] com o tempo, fui percebendo a importância dessa manifestação cultural e passei a me envolver mais.” Esse processo de aprendizado revela que a inserção no tambor ocorre pela sensibilidade do corpo e pela força dos afetos comunitários.Do mesmo modo, Maria Léa Santos afirma: “Aprendi a dançar tambor com a convivência das pessoas mais velhas da comunidade. Observando como dançavam, fui entrando nas rodas e, assim, aprendi a dançar.” Essa fala dela é muito importante, pois mostra a centralidade do cotidiano e da imersão na comunidade como método de aprendizagem. Emanuel Carlos Santos, o seu Vaqueiro, descreve com emoção como esse saber lhe foi passado: “Eu vi na mão do meu avô e de várias outras pessoas mais velhas. Eles tinham esse talento e me passaram, me deixando para comandar o tambor.

A memória, neste contexto, está intrinsecamente ligada à ancestralidade. A coreira Isabel Santos Lisboa afirma: “Aprendi desde criança, pois todas as nossas festas começavam com o Tambor de Crioula. Meus antepassados me ensinaram a gostar e a compreender o significado dessa manifestação.” Para ela, cada toque e cada dança são heranças vivas da resistência do povo negro e quilombola. Os entrevistados apontam que esse aprendizado vai além da técnica: trata-se de um vínculo com a história, com a espiritualidade e com a comunidade. Além disso, o aprendizado carrega valores que moldam o comportamento coletivo. Maria José dos Santos afirma que o tambor “transmite valores fundamentais, como respeito, responsabilidade e preservação das nossas raízes". Já Maria José Aires Vieira destaca que os jovens “aprendem a bater, cantar e aprender sobre nossos antepassados.” Nesse sentido, a aprendizagem do tambor é inseparável de uma educação do pertencimento, onde se formam sujeitos comprometidos com a coletividade, com o território e com a preservação da cultura. Por fim refoamos que o Tambor de Crioula é uma prática educativa enraizada nos modos de vida quilombolas, construída por meio do olhar, da escuta e da presença nos espaços de celebração e resistência.

**4.2 CULTURA E IDENTIDADE**

O Tambor de Crioula é compreendido como elemento central na construção da identidade quilombola e no fortalecimento dos vínculos culturais. As entrevistas afirmam que essa manifestação não se resume à dança ou à música, mas carrega um legado de resistência, fé, orgulho e pertencimento. Maria José dos Santos ressalta: “Para mim, o Tambor de Crioula é essência, fortalecimento e ancestralidade. [...] Cada batida do tambor e cada passo da dança são uma forma de nos conectarmos com aqueles que vieram antes de nós.” Essa conexão com os ancestrais é amplamente mencionada como um elo identitário que transcende gerações.

A identidade quilombola, nesse contexto, é construída pela experiência coletiva em torno do tambor, que é reconhecido como símbolo de resistência histórica e cultural. Maria Helena Alves afirma que “quando estamos na roda de tambor, sentimos esse pertencimento e nos engrandecemos com a liberdade de ser quilombola e gritar o grito da liberdade.” A roda de tambor é, portanto, um espaço de reafirmação da dignidade e da negritude, onde o orgulho da ancestralidade é fortalecido e celebrado.

Mesmo diante das dificuldades, os entrevistados enfatizam o papel do tambor na preservação cultural. Maria Léa Santos destaca que o tambor representa “a identidade e a resistência da nossa comunidade". Isabel Lisboa, por sua vez, afirma: “O tambor é uma forma de manter nossa história viva.” A cultura expressa no tambor é mobilizadora e educativa, moldando o imaginário coletivo e fortalecendo o sentido de pertencimento ao território e à memória dos antepassados.

### **4.3 ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA E LUTA POR DIREITOS**

As falas dos(as) entrevistados(as) revelam como o Tambor de Crioula tem sido um importante instrumento de mobilização e coesão comunitária no Quilombo Oiteiro dos Nogueiras. A mestra Isabel Santos Lisboa afirma com emoção que “o tambor de crioula é resistência, herança e a presença viva dos nossos ancestrais”, destacando sua força simbólica em atos públicos e momentos de afirmação cultural. Emanuel Carlos, conhecido como Vaqueiro, acrescenta que “o tambor é uma força. Ele chama as pessoas, une batedores e dançarinos, fortalecendo a comunidade”. Esses depoimentos evidenciam como a manifestação contribui para além do campo cultural, articulando-se também com a luta por direitos territoriais, visibilidade e reconhecimento.

A entrevistada Elinalva Moreira reforça esse papel de união e mobilização ao afirmar que, mesmo que o Tambor de Crioula não tenha sido diretamente utilizado em atos de reivindicação política, ele tem sido uma “grande ferramenta de mobilização cultural”. Para ela, os momentos de roda geram uma energia coletiva de harmonia e pertencimento: “dentro da roda, qualquer desavença desaparece, pois a energia coletiva é de harmonia e resistência”. Essa perspectiva reafirma que o tambor não apenas embeleza as festividades, mas se impõe como linguagem política e força comunitária, como já apontava Ferretti (2014), ao compreender as expressões populares como práticas de resistência diante da colonialidade. Em eventos e encontros entre comunidades, o Tambor de Crioula tem fortalecido redes de solidariedade e identidade, promovendo intercâmbio cultural e reafirmação da cultura negra em contextos historicamente marcados pela exclusão.

### **4.4 EDUCAÇÃO E TRANSMISSÃO DE SABERES**

As entrevistas realizadas revelam de forma contundente que o Tambor de Crioula é uma prática educativa fundamental no contexto da Educação Quilombola. Como destaca a entrevistada Elinalva Moreira, a aprendizagem da dança e da musicalidade acontece por meio da observação e da convivência com os mais velhos da comunidade: “foi pela convivência e participação nas rodas que me motivei a aprender e a fazer parte dessa tradição”. Esse processo informal de ensino, transmitido de geração em geração, reforça o que Moura (2007) conceitua como pedagogia do cotidiano nas comunidades quilombolas. Elinalva reforça que “as crianças e jovens observavam, participavam e aprendiam aos poucos, sentindo o ritmo e a energia do tambor”, demonstrando que a educação acontece no fazer coletivo, no corpo em movimento, nos cânticos entoados com emoção.

Essa vivência educativa também está fortemente vinculada ao fortalecimento da identidade e da autoestima dos(as) jovens quilombolas. Maria Helena Alves acredita que o Tambor deveria ser trabalhado “não apenas como tema de disciplina, mas como um momento cultural obrigatório”, capaz de combater preconceitos e fortalecer vínculos culturais. Já Maria Léa Santos observa que muitos ainda têm receio de participar, mas que esse envolvimento pode crescer com ações permanentes nas escolas. Emanuel Carlos ressalta que “os jovens aprendem a tocar, cantar, responder e criar versos”, o que amplia a noção de aprendizagem para além dos conteúdos formais, incorporando saberes ancestrais e habilidades coletivas. O papel da Associação Cultural e Educacional do Tambor de Crioula São Benedito é destacado por todos(as) como uma entidade que organiza, promove oficinas, busca recursos e articula ações para manter viva essa tradição. Como diz Elinalva: “a associação busca recursos para manter e expandir a prática do Tambor de Crioula, incentivando os jovens a se envolverem e garantindo que a tradição continue viva”.

### **4.5 DESAFIOS E FUTURO**

A continuidade do Tambor de Crioula no Quilombo Oiteiro dos Nogueiras enfrenta obstáculos concretos que comprometem o fortalecimento dessa tradição ancestral. Um dos principais desafios apontados por diversos entrevistados é a escassez de batedores de tambor. Embora haja grande envolvimento de coreiras e de mulheres na roda, a função de tocar os tambores, essa atividade exige conhecimento técnico e dedicação e tem sido desempenhada por um número cada vez mais reduzido de pessoas. A mestra Isabel Santos, de 70 anos, destaca que “a falta de recursos financeiros é um dos principais desafios para manter o grupo ativo e participar de eventos”, e esse fator impacta diretamente na capacidade de promover formações e atrair novos integrantes.

Maria José dos Santos, coreira e tesoureira da associação, complementa esse diagnóstico ao afirmar que é necessário incentivar mais pessoas a aprenderem a tocar e cantar, além de ampliar o espaço para a participação feminina, reforçando a inclusão dentro do grupo. Nesse contexto, a comunidade tem adotado estratégias para contornar as dificuldades, como a criação de oficinas de tambor voltadas às crianças, adolescentes e jovens. Conforme relatado, essas oficinas transmitem desde as noções básicas dos ritmos até o entendimento do fundamento do Tambor de Crioula. Essa iniciativa já começa a dar frutos: “Até dentro da própria roda de tambor, as crianças já têm saias, elas mesmas se sentem convidadas e participam. Isso já mostra para a gente que as pessoas mais novas se interessam pelo tambor”, afirma um dos relatos colhidos.

As falas dos entrevistados demonstram uma preocupação coletiva com a continuidade da tradição, mas também uma forte esperança de que, por meio da educação comunitária e da organização coletiva, será possível garantir a permanência do tambor como prática viva. O mestre Emanuel Carlos Santos, conhecido como “Vaqueiro”, resume essa perspectiva ao dizer: “Hoje estou aqui, mas amanhã posso não estar. Quero repassar o que sei para os jovens, porque o tambor é uma cultura feliz, uma animação dentro da nossa raiz, que nunca morre”. A fala de Vaqueiro evidencia uma consciência pedagógica ancestral que reconhece a necessidade de passagem intergeracional do conhecimento.

Outro ponto levantado por praticamente todos os entrevistados diz respeito à urgência de maior reconhecimento por parte do poder público. Há um consenso sobre a importância de políticas públicas de cultura e educação que valorizem o Tambor de Crioula como expressão da identidade quilombola. A vice-presidente Maria Helena defende que o tambor deveria ser trabalhado de forma contínua nas escolas da comunidade e propõe que haja um “momento cultural obrigatório mensalmente”, contribuindo para a desconstrução de estereótipos e preconceitos ainda presentes no imaginário social. Essa proposta de articulação entre cultura e educação também é defendida por Elinalva Moreira, que acredita que “não deve acontecer apenas em datas comemorativas, mas de forma contínua, com a participação da comunidade”.

Portanto, os desafios enfrentados não anulam o potencial de transformação que pulsa nas rodas de tambor. Ao contrário, revelam a força de um coletivo que resiste, se organiza e constrói estratégias de preservação com base na oralidade, na memória e na mobilização. O futuro do Tambor de Crioula no Oiteiro dos Nogueiras, assim, depende tanto do fortalecimento das ações locais quanto do compromisso das instituições públicas com a valorização da cultura negra e quilombola como direito e como política de permanência cultural.

1. **DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

A partir da análise das entrevistas com mestres, coreiras e lideranças do Quilombo Oiteiro dos Nogueiras, evidencia-se que o Tambor de Crioula se consolida como uma manifestação cultural que transcende o campo estético e se inscreve como ferramenta educativa, política e identitária. As falas das pessoas entrevistadas revelam que a aprendizagem do tambor não ocorre por meio de métodos formais, mas sim através da vivência comunitária, da observação e da prática coletiva. O saber é transmitido entre gerações pela oralidade, pela escuta do ritmo, pelo movimento do corpo e pelo pertencimento ao território. Esse processo educativo não formal confirma o que Moura (2007) e Oliveira (2017) já apontavam sobre a Educação Quilombola: trata-se de uma educação vivida, territorializada e profundamente ligada aos saberes tradicionais.

As falas das entrevistadas Elinalva, Maria Léa, Maria Helena e Isabel reforçam que a roda de tambor é espaço de iniciação, de escuta e de aprendizado sobre valores éticos como respeito, ancestralidade, solidariedade e compromisso coletivo. A prática do tambor, segundo os depoimentos, ensina mais do que a dança ou o toque: ela ensina a ser quilombola, a resistir e a se orgulhar da própria identidade. Ao afirmar que “o tambor representa nossa essência, nossa resistência e nossa alegria”, as coreiras revelam uma compreensão profunda de que essa manifestação cultural é parte constitutiva da vida comunitária, sendo mobilizada tanto em momentos de celebração quanto em mobilizações e lutas por direitos.

Outro ponto de destaque nas entrevistas diz respeito à força do tambor como elemento de coesão comunitária. A roda é apresentada como espaço onde desaparecem desavenças, onde os corpos se unem em um mesmo ritmo e onde a espiritualidade se manifesta coletivamente. O tambor promove encontros intergeracionais, estreita vínculos e reafirma a coletividade como valor central da vida quilombola. Essa dimensão comunitária da cultura, apontada por Ferretti (2014) e Kilomba (2019), também se expressa na forma como o tambor é utilizado em manifestações públicas e encontros culturais, como forma de afirmação da presença negra e quilombola na cena política local.

A presença ativa de mulheres — como coreiras, organizadoras e mestras — reforça a dimensão de empoderamento feminino dentro da tradição, desafiando ideias fixas sobre papéis de gênero e contribuindo para a valorização da liderança das mulheres negras no campo cultural. Além disso, o depoimento de Emanuel Carlos (Seu Vaqueiro) chama atenção para a necessidade urgente de formar novos batedores, ressaltando o esforço atual da comunidade em criar oficinas e espaços de aprendizagem para jovens e crianças. Isso aponta para uma dimensão estratégica da cultura como política de continuidade e resistência frente ao risco de apagamento cultural.

As falas também denunciam as dificuldades enfrentadas pela comunidade para manter viva essa prática: a ausência de políticas públicas específicas, a falta de financiamento, o preconceito persistente contra expressões da cultura negra, a invisibilidade institucional. Mesmo assim, o grupo se organiza, cria associações, busca parcerias e ocupa espaços. A cultura, nesse sentido, torna-se meio e fim: instrumento de luta e expressão da luta.

Ao pensar a inserção do Tambor de Crioula nas escolas da comunidade, os entrevistados e entrevistadas apontam o desejo de ver a cultura local valorizada como parte do currículo escolar, não apenas em datas comemorativas, mas de forma contínua e integrada. Isso mostra como a comunidade reconhece o papel da educação como espaço estratégico de afirmação cultural e combate ao racismo, e como os saberes ancestrais podem dialogar com a escola de maneira viva e potente.

Assim, os resultados da pesquisa revelam que o Tambor de Crioula é, ao mesmo tempo, um território simbólico, um espaço de aprendizagem e uma ferramenta de resistência. Ele educa, mobiliza, reúne e cura. É uma prática viva de reexistência, que articula corpo, território e ancestralidade, sendo mantida com esforço coletivo e amor pela tradição. Como afirmam os próprios entrevistados, manter o tambor vivo é manter viva a história, a luta e o futuro do povo quilombola.

1. **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa compreendeu o Tambor de Crioula como uma ferramenta de resistência, identidade e organização comunitária no Quilombo Oiteiro dos Nogueiras, a partir de uma abordagem qualitativa fundamentada em entrevistas com membros atuantes dessa tradição. Observou-se, ao longo da pesquisa, que o tambor de crioula ultrapassa o campo artístico e religioso para se consolidar como um sistema próprio de educação, transmissão de valores e luta por reconhecimento cultural e territorial.

As entrevistas destacaram a centralidade do Tambor de Crioula no cotidiano comunitário, sendo reconhecido como uma prática ancestral que conecta passado, presente e futuro. O processo de aprendizagem se dá por meio da oralidade, da observação e da vivência, configurando uma pedagogia própria, baseada no afeto, na coletividade e na ancestralidade que são características centrais da Educação Quilombola. O tambor é também uma expressão de reexistência frente ao racismo estrutural, à marginalização das culturas negras e à omissão do Estado em garantir políticas públicas que valorizem e fortaleçam essas práticas.

Observou-se também que o Tambor de Crioula exerce papel importante na organização comunitária, sendo mobilizado em eventos, celebrações religiosas e atos públicos, servindo como estratégia de união, visibilidade e reivindicação de direitos. As associações culturais da comunidade têm desempenhado papel fundamental para a continuidade dessa tradição, sobretudo na formação das novas gerações por meio de oficinas, rodas de conversa e atividades integradas à escola.

Apesar das dificuldades enfrentadas, como a escassez de batedores, a falta de apoio institucional e o preconceito ainda existente, a comunidade tem demonstrado uma forte mobilização interna para manter o tambor vivo. Os relatos coletados evidenciam que há um movimento contínuo de fortalecimento da tradição por meio do engajamento de mulheres, jovens e idosos, que se reconhecem enquanto sujeitos ativos na preservação e reinvenção de sua cultura.

Portanto, o Tambor de Crioula, no contexto do Quilombo Oiteiro dos Nogueiras, revela-se como um poderoso instrumento de educação, memória e resistência. É uma prática que educa corpos, preserva histórias e projeta futuros. Reconhecer essa dimensão é fundamental para que políticas públicas sejam construídas a partir do diálogo com os territórios tradicionais, respeitando suas formas de viver, aprender e resistir. Como afirmaram diversas vozes da comunidade, manter o tambor vivo é manter viva a própria alma do quilombo.

1. **REFERÊNCIAS**

FERREIRA, Alex Leandro de Carvalho. *Tambor de Crioula: saberes tradicionais e memória afrodescendente no Maranhão*. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2021.

FERRETTI, Sérgio. *Cultura popular e patrimônio cultural*. São Luís: EDUFMA, 2014.

GONZAGA, Rhaysa Terezinha; GONÇALVES, Fábio Peres. História, cultura e resistência da população negra na formação inicial de professoras/es de Química no estado mais branco do Brasil. *Revista da ABPN*, v. 14, n. 41, p. 306-332, 2022.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. 2. ed. São Paulo: Cobogó, 2019.

MOURA, Glória. *Educação Quilombola: proposta pedagógica*. Brasília: MEC/SEED, TV Escola, Série Educação Quilombola, 2007.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Vozes, 2005.

OLIVEIRA, Iris Verena. Ser quilombola: práticas curriculares em educação do campo. *Rev. FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 26, n. 49, p. 139-154, maio/ago. 2017.

SILVA, Joércio Pires da. *O tambor como herança dos pretos: uma análise sobre o território quilombola de Santa Rosa dos Pretos*. 2019. 96 f. Dissertação (Mestrado em Cartografia Social e Política da Amazônia) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2019. Disponível em: https://www.ppgcspa.uema.br/wp-content/uploads/2019/11/DISSERTAÇÃO-FINAL-LELECO-14-maio.pdf. Acesso em: 25 mar. 2025.

SILVA, Raimundo Nonato da. *Tambor de crioula no Maranhão: Patrimônio Cultural e Imaterial e suas representações sociais na cultura maranhense*. São Luís: EDUFMA, 2015.

SOUZA, Lidiane Santos de; ALVES, Edna Maria. Cultura negra e resistência: práticas educativas em comunidades quilombolas. *Revista da ABPN*, v. 13, n. 39, p. 364-386, 2021.

SANTOS, Valéria Oliveira dos. A Educação Quilombola e suas dimensões culturais e políticas. *Revista Africanidades*, v. 15, n. 1, p. 77-95, 2022.